

ENTRE O SILENCIAMENTO E O PROTAGONISMO: VOZES DE PROFESSORAS NEGRAS DO SUL DA BAHIA

Fabrcia dos Santos Dantas

Resumo

O Presente artigo é fruto de discusses e leituras orientadas para o componente curricular Tópicos Especiais em Educaçao - Relações Étnico-Raciais e Formação de Professores no Programa de Pós Graduação em Educaçao PPGE/UESC. Tem por objetivo apresentar considerações pertinentes a respeito do protagonismo de mulheres negras e professoras da rede básica de educaçao, de um município do interior do sul baiano, enquanto as lutas de resistência e cidadania. Por ora, participaram do estudo sete professoras, colaborando com a entrevista semiestruturada, sobre seu papel na educaçao enquanto protagonista da resistência de lutas. Utilizou-se, os estudos de Barros (2015), Carneiro (2003), Fonseca (2016), Nóvoa (2000), Oliveira (2006), Silva (2018), para referendar as falas dos sujeitos participantes, sustentando, portanto, os argumentos dissertativos que destacam a perspectiva de gênero como categoria de análise, na medida em que rompem com seu silenciamento.

Palavras-chave: Formação de professores. Gênero. Relações étnico-raciais. Protagonismo Negro

BETWEEN SILENCE AND PROTAGONISM: VOICES OF BLACK TEACHERS FROM SOUTH BAHIA

Abstract

This article is the result of discussions and readings oriented to the Special Topics in Education curricular component - Ethnic-Racial Relations and Teacher Training in the Graduate Program in Education PPGE/UESC. Its objective is to present relevant considerations regarding the protagonism of black women and teachers in the basic education network, in a municipality in the interior of southern Bahia, as well as the struggles for resistance and citizenship. For now, seven teachers participated in the study, collaborating with the semi-structured interview, about their role in education as a protagonist of resistance in struggles. The studies of Barros (2015), Carneiro (2003), Fonseca (2016), Nóvoa (2000), Oliveira (2006), Silva (2018) were used to endorse the speeches of the participating subjects, thus supporting the dissertation arguments that highlight the gender perspective as a category of analysis, as they break with its silencing.

Keywords: Teacher training. Gender. Ethnic-racial relations. Black Protagonism

INTRODUÇÃO

Quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade (Ângela Davis, 2018).

A nossa sociedade brasileira é marcada pela multiculturalidade¹. No entanto, os resquícios do Brasil colonial e vestígios da negação ao negro ainda estão presentes na sociedade contemporânea do século XXI. E, quando tratamos da população negra, esses traços são ainda mais evidenciados, tanto as mulheres quanto os homens negros foram alijados de muitos espaços, barrados pelos pressupostos ideológicos da barreira social ancorada no racismo por preconceito da cor.

Contudo, o protagonismo dos movimentos negros ao longo da história brasileira em diferentes cenários e contextos, vêm rompendo com essa barragem social evidenciando a força, o profissionalismo e resistências dos povos negros, por vezes, inviabilizados por diversos setores da sociedade, dentre eles o educacional.

A invisibilidade de mulheres negras na educação é de fato uma herança oriunda dos tempos da escravidão, que deixou uma ideia de inferioridade e resquícios de injustiça social, logo, a questão do protagonismo feminino negro não é um assunto tão recorrente no âmbito social e nem acadêmico, por exprimir uma relação de poder e principalmente preconceitos de gênero e raça que perpetuam até os dias atuais.

As leituras orientadas pela disciplina Tópicos Especiais em Educação - Relações Étnico-Raciais e Formação de Professores no Programa de Pós Graduação em Educação PPGE/UESC, bem como as discussões e debates promovidos possibilitaram o desdobramento do estudo em tela. Partindo desses pressupostos, entendo que, discutir o protagonismo feminino negro é dar visibilidade a sujeitos sociais que constroem suas identidades profissionais, em meio a enfrentamentos que buscam romper posturas preconceituosas e racistas arraigadas na sociedade.

Nesse contexto, discuto sobre o protagonismo de mulheres negras no âmbito educacional, sua formação profissional, o entendimento de identidade profissional como ato de resistência na trajetória de professoras, mulheres e negras. Partindo dessa

¹ Adoto aqui, a concepção de multiculturalidade na perspectiva da pesquisadora Vera Candau, para ela, a concepção abarca e abraça o reconhecimento e/ou a presença de diferenças culturais, grupos étnicos numa mesma sociedade.

perspectiva, buscamos, nesse estudo apresentar considerações pertinentes a respeito de protagonismo de mulheres negras, resistência de lutas, labutas e cidadania de professoras negras da rede municipal da educação básica de um município interiorano, no sul da Bahia na educação básica, no que tange ao sentimento de pertença e identidade profissional do não branqueamento educacional.

BREVE PANORAMA DA INSERÇÃO DE MULHERES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: NEGRAS PRESENTE!

A inserção das mulheres no magistério foi fruto de um longo processo, que se iniciou no século XIX e teve um acirramento nas primeiras décadas do século XX, graças a diversos protestos femininos desencadeados pela luta em busca de direitos. Tal inserção segundo, NICOLETE; ALMEIDA, (2017, p.209),

Representou uma das escassas oportunidades profissionais para as mulheres. O fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez da docência a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade no trabalho do lar (NICOLETE; ALMEIDA, 2017, p.209).

Nas décadas citadas, em vários países ocidentais, as mulheres foram recrutadas tanto para as salas de aula, primárias e do curso normal, como para funções de direção de escolas primárias, jardins de infância, Grupos Escolares e Escolas Modelos, que de acordo com Flávia Fiorucci (2016), a escola foi um espaço onde as mulheres desafiaram a hierarquia de gênero prevaiente na sociedade e foram projetadas a um lugar de relevância social.

O ingresso da mulher negra no magistério foi complexo, pois historicamente não tiveram ao espaço escolar. Os dispositivos legais que tocavam questões educacionais implementados no Brasil, desde a Constituição de 1824, a qual garantia o direito de educação aos cidadãos, excluiu as mulheres negras escravas, visto que, elas não eram consideradas sujeitos de direito. No ano de 1837 com a criação do Colégio de Pedro II, que representou a primeira tentativa do governo imperial de estabelecer o ensino público, elas continuaram excluídas porque quem tinha acesso a essa instituição eram os filhos das famílias latifundiárias.

Durante o século XIX com o projeto republicano de modernização do país e uma maior flexibilização do ensino, as mulheres negras continuaram com dificuldades para ter acesso à escola, pois na pós-abolição não houve um projeto de inclusão dos negros e negras no mercado de trabalho e, muitas continuaram tendo que trabalhar, principalmente, em serviços domésticos, não tendo por isso muita oportunidade de ir à escola.

No século XX, inclusive com advento da Escola Nova, houve uma maior flexibilização da entrada dessas mulheres na educação, pois tornou-se obrigatória a escola pública integral, estabelecendo-se ainda, transformações do direito civil em social. Diante da conjuntura político-social da segunda metade do séc. XX detectou-se uma crescente demanda no magistério, onde podemos identificar o princípio de uma maior aceitação da mulher negra em detrimento da ocupação de funções relacionadas à educação.

Contudo, é importante frisar que a professora negra, em sua formação profissional, sofre fortes influências histórico-sociais concernentes a raça e gênero. Carneiro (2003) evidencia a supervalorização do branqueamento e o desprezo com a mulher negra que protagoniza sua história e mesmo traçando seu caminho profissional com atitude e honestidade sofre desmazelas, pois:

As imagens de gênero que se estabelecem a partir do trabalho enrudecedor, da degradação da sexualidade e da marginalização social, irão reproduzir até os dias de hoje a desvalorização social, estética e cultural das mulheres negras e a supervalorização no imaginário social das mulheres brancas, bem como a desvalorização dos homens negros em relação aos homens brancos. Isso resulta na concepção de mulheres e homens negros enquanto gêneros subalternizados, onde nem a marca biológica feminina é capaz de promover a mulher negra à condição plena de mulher e tampouco a condição biológica masculina se mostra suficiente para alçar os homens negros à plena condição masculina, tal como instituída pela cultura hegemônica (CARNEIRO, 2003).

Neste sentido podemos destacar que de acordo com a fala da autora, o ser professora negra numa instituição escolar torna-se extremamente difícil quando esta é identificada a partir de resquícios da trajetória histórica de seu grupo social de pertença. Logo, Oliveira (2006), destaca:

Assim, a história do indivíduo transcorre no interior de uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe, como podemos ver nos sistemas de disposições individuais que reproduzem variantes estruturais de grupo ou de classe, sistematicamente organizadas nas próprias diferenças que as separam, e onde se exprimem as diferenças entre trajetórias e as posições dentro ou fora da classe (2006, p. 47).

Corroboro com o autor, pois muitas lutas e campanhas foram travadas pela afirmação da identidade coletiva e ampliação dos direitos civis, sociais e trabalhistas e a defesa da liberdade de escolha individual das mulheres que vem rompendo com o lugar que a sociedade dominante vem determinando por séculos às pretas, vencendo as adversidades e protagonizando suas histórias profissionais.

PROTAGONISMO FEMININO NEGRO E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ATO DE RESISTIR?

Discutir o protagonismo feminino negro é dar visibilidade a sujeitos sociais que constroem suas identidades profissionais, em meio a enfrentamentos que buscam romper posturas preconceituosas e racistas arraigadas na sociedade, logo, o entendimento de identidade profissional se faz relevante a discussão que traçamos até aqui. Neste contexto, Gomes (2005) menciona que:

A identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo (GOMES, 2005, p. 43).

Ao descrever sobre os aspectos da identidade negra, Gomes (2005) afirma que construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as) (2005, p. 43).

No que se refere a construção da identidade profissional, PIMENTA; e ANASTASIOU destacam que,

A identidade profissional constrói-se pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor”. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 77).

Tomando como base a fala das autoras, compreendemos que, a assumir a identidade profissional, a trajetória e o protagonismo de mulheres negras na educação é a garantia da valorização de pertença. Principalmente, por sabermos que a Educação

evidencia a supervalorização do branqueamento com as fortes influências histórico-sociais concernentes à raça e gênero.

Neste contexto, sabemos que a escola reproduz e repete o pensamento racista presente no nosso imaginário social, ela é também um espaço onde se dá a luta e a resistência da comunidade negra. É de grande importância a concepção de Gomes (2012) quando diz que é essencial uma (re) construção histórica alternativa e emancipatória, que procure construir uma história outra que se oponha à perspectiva eurocêntrica dominante. Ou seja, apesar de cada vez mais os discursos sobre identidade negra, racismo na sociedade e na escola estarem ganhando espaço, a prática racista se faz presente em diversos espaços sociais, e a escola não está ausente.

A própria presença da mulher negra na educação escolar confirma essa premissa. Entretanto não basta apenas a presença. É necessária uma formação político-pedagógica que subsidie um trabalho efetivo com a questão racial na instituição escolar. Boa vontade só não basta! (GOMES, 1995, p.188). Em relação a identidade negra Silva (2013) concebe como uma referência por si mesma, a partir da relação com o outro, o indivíduo se reconhece e se constitui, num processo dinâmico, pessoal e sócio-cultural de construção de uma postura política. (2013, p.80). Logo, corroboramos com Carneiro quando destaca que,

O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão (CARNEIRO, 2003, p. 129).

Partindo desse pressuposto, constatamos que as experiências de vida das professoras podem influenciar em sua autoafirmação como mulher negra, e que esta identidade é um diferencial que possibilita uma ação pautada de consciência no combate ao racismo, e ao lecionar o conteúdo étnico-racial em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao pesquisar sobre a história das mulheres negras constatamos que elas tiveram suas histórias marcadas pelas desigualdades. Ao se inserirem no mercado de trabalho se deparam com inúmeros desafios, e barreiras. Euclides (2017, p. 06) enfatiza que mulheres negras ainda continuam enfrentando barreiras simbólicas para conseguirem traçar

trajetórias profissionais semelhantes as dos demais sujeitos homens e mulheres brancas e homens negros.

As participantes investigadas foram 7 professoras negras de uma escola pública da rede básica em um município do Sul baiano. Foram convidadas a participar respondendo a uma entrevista (anexo 1), que foi apresentada junto com a proposta de pesquisa, que se iniciou com a parte de identificação, questionando-as como se declaram. Dentre as participantes, 4 responderam negras, as demais, 2 apontaram ser pardas e 1 morena.

Diante das respostas evidenciamos que há mais docentes negras nesta instituição e que uma delas demonstrou insegurança para admitir que é negra, afirmando ser “morena”, talvez pelas marcas e medos que traz em sua trajetória profissional, como discriminação racial, que de acordo com Petruccelli, (2007, p. 47) “a questão da cor no âmbito brasileiro, encontra-se no entrecruzamento dos mitos fundadores da identidade nacional com as práticas sociais de discriminação e preconceito racial”. O autor chama a nossa atenção para que “quanto mais escura for à cor da pele, mais sujeita está à discriminação”.

As professoras foram perguntadas e levadas a refletir sobre situações que as conduziram a exercer a profissão de professora. Diante das respostas, a que se destacou foi a contribuição para a transformação social das pessoas. Podemos destacar que o olhar destas, vai além do ato de ensinar e aprender, mas é um papel político e um meio bastante relevante de transformar vidas. Assim, enfatizamos uma visão de educação emancipadora, trazida e defendida por Freire e Gadotti, que considera o docente como um profissional do sentido, um organizador da aprendizagem (visão social), uma liderança, um sujeito político.

“Acredito que ser professora negra hoje, é um ato político, porque vivemos o tempo todo sofrendo injustiças sociais, o que nos motiva a prosseguir é o que fazemos com essas injustiças, entende? Transformamos isso em força e aprendizado para ensinar aos alunos a não ser este tipo de pessoa, logo estamos contribuindo para a formação de um cidadão de bem”. (Prof. Joaquina)

Observa-se que os olhares das professoras quanto à profissão de professor denotam representações sociais favoráveis em relação a alguns aspectos, especialmente ligados aos saberes adquiridos durante suas formações e conteúdo do trabalho, e desfavoráveis em outros, relacionados principalmente ao contexto de trabalho da profissão e as injustiças sociais sofridas.

De acordo com nossa pesquisa a qualificação e formação pedagógica- social das professoras negras investigadas, é compreendida por todas como de boa qualidade, mas ressaltam que é necessário repensar a forma como ocorre o ativismo negro dentro das

instituições de ensino básico, sendo que percebem a intimidação de professoras negras, e principalmente o posicionamento destas para com os movimentos educacionais, pois Segundo Reis (2014, p.35) “A prática pedagógica está fundamentada na concepção de vida e sociedade do professor.”, tendo em vista que a luta por equidade e respeito deve acontecer de forma coletiva e não individual, e principalmente ser reflexo da prática cotidiana.

Em geral, as professoras consideram o protagonismo negro muito importante para a sociedade, embora destaquem que não são valorizadas como merecem socialmente. A função social da docência foi um fator indicado de forma positiva por elas. Foi possível constatar que as 7 professoras investigadas, são pessoas conscientes, que refletem sobre suas realidades e dão sentido a necessidade de protagonizar e disseminar uma educação de qualidade que elas acreditam na sua profissão como uma forma de contribuição para a melhoria da sociedade.

Ao serem perguntadas sobre como enxergam o protagonismo da mulher negra na escola em que atuam ponto crucial na discussão deste trabalho, as professoras enfatizaram que:

“Todos os dias somos protagonistas, só por estar viva num país tão preconceituoso, já me sinto protagonizando uma história de resistência, estando dentro de uma escola pública, então!” (Prof.^a Maria)

“Sou protagonista numa escola em que a maioria dos professores são brancos, protagonizo a história de milhões de mulheres que queriam ter apenas um espaço para trabalhar e ser reconhecidas, isto me faz pensar, de que, de certa forma tenho a responsabilidade de representa-las, resistir e superar s desafios” (Prof.^a Joaquina).

“Não sei se me enquadro enquanto protagonista, já que faço parte da minoria aqui na escola, mas sou feliz em poder mostrar para a sociedade que ser mulher negra, professora é um direito meu e que dou meu melhor a cada dia”. (Prof.^a Rita)

Diante disto, compreendo que o enfrentamento constante ao racismo e os embates para desmistificar os estereótipos sobre a mulher negra tornam a construção da identidade docente dessas mulheres um enorme desafio, que por muitas vezes intimidam seus protagonismos e destacam o silenciamento. Contudo, a pesquisa revela que ocorreram significativos avanços nos espaços públicos educativos, dentre eles, a inserção e

participação política dessas mulheres, que com suas vozes dão sentido a busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa almejou refletir sobre as experiências de vida e a construção positiva de uma identidade racial que permite a visibilidade do protagonismo negro no espaço escolar. Por ora, chegamos a conclusão que em meio as adversidades, as professoras negras entrevistadas nesta pesquisa, legitimam e fortalecem suas identidades e desenvolvem práticas antirracistas, como forma de resistência as desigualdades raciais.

Conhecer sobre a história das mulheres negras, suas lutas, protagonismo e resistências, me fez perceber que há muito a se fazer. Para se ter uma ascensão nesta sociedade, é necessária uma mudança social, cultural implicando um novo olhar social e profissional que validem os direitos conquistados.

As trajetórias das mulheres negras em nossa sociedade exigem atitudes de avanço e recuo diante de situações na escola, na comunidade, no trabalho. São necessárias posturas de enfrentamento, resistência ou deslocamento dependendo do momento, da fase da vida, do espaço em que se encontram.

O trabalho para oposição à prática racista ocorre quando o professor já tem uma identidade e reconhece sua história tendo como principal objetivo desses atos diante da questão racial. Assim, ele é capaz de “promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo” (BRASIL, 2004, p.8).

Dessa forma, é necessário ampliar a discussão sobre o acesso da mulher negra aos espaços educacionais, considerando suas trajetórias e construção identitária destas professoras, para defender as gerações que se aproximam, visando a construção e reconstrução de novos caminhos que darão a elas/nós um futuro estável e digno que nos honre e cause orgulho de serem/sermos mulheres –e mulher negra, e principalmente [...] Ocupar páginas em branco com palavras negras para refletir a nossa luz. (Cristiane Sobral, 2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. 2004.

CARNEIRO, Sueli (2003) *A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista*. Brasília: Fundação Cultural Palmares (no prelo).

DAVIS, Ângela. *A liberdade é uma luta constante – Ferguson, Palestina e as bases para um movimento*. São Paulo: Boitempo, 2018.

EUCLIDES, Maria Simone. *Mulheres Negras, Doutoradas, Teóricas e Professoras Universitárias: desafios e conquistas*. 2017. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Centro de Ciências Humanas, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FIORUCCI, Flávia. “País afeminado, proletário feminista”. *Mujeres inmorales e incapaces: la feminización Del magisterio em disputa (1900-1920)*. **Anuario de Historia de la Educación**, Sociedad Argentina de Historia de la Educación, v. 17, n. 2, p. 120-137, 2016.

FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (org.). *A História da Educação dos Negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 1995.

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, p. 39 – 62, 2005.

_____. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr. 2012

MARCELO, Carlos. *Desenvolvimento Profissional: passado e futuro*. SISIFO. *Revista Ciência da Educação*, n. 8, jan/abr, 2009.

MEIHY, J.C.S.B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

NICOLETE, Jamilly Nicácio; ALMEIDA, Jane Soares de. *Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940)*. *Educar em Revista*, Curitiba, v.33, n. especial 2. p. 203-220, set. 2017.

NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto, 2000.

OLIVEIRA, E. *Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

PETRUCCELLI, José Luís. *A Cor Denominada: estudos sobre classificação étnico - racial*. Rio de Janeiro: DP & A, 2007.

REIS, Maria da Conceição dos. *Prática Pedagógica e Cultura Popular: uma relação possível*. Recife: PROEXT-UFPE & Ed. Universitária da UFPE, 2014.

SILVA, Claudilene Maria da. *Professoras Negras: identidade e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SOBRAL, Cristiane. *Textos selecionados*. 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/CristianeSobraltextosselecionados.pdf>>. Acesso em: 05 de Junho de 2021.

*Submetido em Julho de 2021
Aprovado em Agosto de 2021*

Informações da autora

Fabírcia dos Santos Dantas

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz, PPGE/UESC. Pedagoga pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2018), Membro do Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação – GRUPPHED/UESC. Bolsista FAPESB.

E-mail: Fabricia-dantas@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8715-1183>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1205079804709501>